

Volume 22, número 1: 2017

## Iron Maiden: História, Música e Imagem

Fábio Antunes Vieira<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante a Guerra Fria, em meio aos tumultuados anos da década de 1970, surgiu na Inglaterra a banda de heavy metal *Iron Maiden*. Apesar do preconceito acerca deste estilo musical, a banda, reconhecida pela qualidade sonora, bem como por letras inquietantes que, não raro, têm as guerras, angústias humanas e a religião como abordagens corriqueiras, não tardou à obter notoriedade do público e destaque da mídia, sobretudo a partir dos primeiros anos do inquietante governo de Margaret Thatcher. Assim, a proposta deste artigo consiste em abordar alguns aspectos que contribuíram para tanto, particularmente no que tange a forte vinculação da banda com a História, além da exploração do seu personagem mais notório, o Eddie. Para tanto, considerando sua extensa discografia, embora os aspectos históricos de algumas músicas venham a ser destacados, as que serão tomadas como objetos principais de análises são *Sanctuary* (de 1980) e *The Number of de Beast* (de 1982), visto a significativa aceitação do público e apelo midiático, que garantiram ao Iron Maiden expressão mundial.

**Palavras-chave:** Iron Maiden; História; música; imagem e mídia.

**Abstract:** During the Cold War, amid the tumultuous years of the 1970s, emerged in England the heavy metal band Iron Maiden. Despite the prejudice about this musical style, the band, known for sound quality, as well as per disturbing lyrics who, not rare, they have wars, human anguish and the religion as ordinary approaches, did not take long to get acceptance of the public and notoriety of media, especially from the early years of government tumultuous of Margaret Thatcher. Thus, the purpose of this paper is to address some aspects that contributed to this, particularly with respect to strong binding of the band with History, in addition to the exploitation of its most notorious character, Eddie. Therefore, considering his extensive discography, although the historical aspects of some songs will be highlighted, those to be taken as the main objects of analysis are *Sanctuary* (1980) and *The Number of the Beast* (1982), seen the significant acceptance the public and the media appeal, who secured worldwide expression the Iron Maiden

**Keywords:** Iron Maiden; History; music; image and media.

**Resumen:** Durante la Guerra Fría, en medio de los tumultuosos años de la década de 1970, apareció en Inglaterra la banda de heavy metal Iron Maiden. A pesar de los prejuicios acerca de este estilo musical, la banda, conocida por la calidad de sonido y inquietantes letras que tienen las guerras, la angustia humana y la religión como enfoques comunes, no pasó mucho tiempo para ganarse al público y visibilidad de los medios de comunicación, especialmente a partir de los primeros años del gobierno tumultuoso de Margaret Thatcher. Por lo tanto, el propósito de este artículo es discutir algunos aspectos que han contribuido a este éxito, particularmente en relación con la vinculación de la banda con la historia, además de la explotación de su personaje más conocido, Eddie. Para ello, como la discografía de la banda es grande, aunque se resaltarán los aspectos históricos de algunas canciones, el trabajo se centrará en las canciones *Sanctuary* (1980) y el *The Number of The Beast* (1982), en razón de la aceptación significativa de público y los medios de comunicación, que aseguró la expresión en todo el mundo de Iron Maiden.

**Palabras-claves:** Iron Maiden, Historia, canción, imagen y medios de comunicación.

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Social e graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Ex-professor de História Contemporânea do Depto de História da UNIMONTES. Professor de História e Sociologia do Instituto Federal do Norte de Minas - IFNMG, Campus Januária.

**Volume 22, número 1: 2017**

Desenvolver um trabalho com pretensões acadêmicas envolvendo História e um estilo musical como o *heavy metal*, inicialmente pode despertar a desconfiança de alguns profissionais mais conservadores, presos aos ditames de um modelo de formação tradicionalista, cujos resquícios ainda se manifestam em parte das universidades brasileiras. Corroborando com tal afirmação, Rodrigo Zagni argumenta que, no que tange ao supracitado estilo musical, "o preconceito ainda é vigente nas mentalidades de hoje, o que repercute na postura também da academia" (ZAGNI: 2009, p. 121). Neste aspecto, Marcos Napolitano argumenta que, no que se refere ao uso da música como fonte de "estudos", os "historiadores de ofício mais uma vez chegaram atrasados", em relação as "áreas de letras e ciências sociais" (NAPOLITANO: 2006, p. 254).

Apesar de agregar uma legião de fãs pelo mundo, o heavy metal, desde suas origens no final da década de 1960, através de bandas como Blue Cheer, Led Zeppelin, Deep Purple e, dentre outras, sobretudo, Black Sabbath, tem sido estereotipado e repellido. Neste sentido, é válido ressaltar um dos casos mais notórios ocorrido em 1985. Dee Snider, vocalista do Twisted Sister, foi convocado à depor no Senado dos Estados Unidos, após uma música de sua banda ter sido considerada perniciosa aos bons costumes da "tradicional família cristã norte-americana". Na luta contra a censura, desencadeada pelo grupo intitulado "Parents Music Resource Center - PMRC", liderada por Mary "Tipper" Gore, esposa do então senador Al Gore, apesar dos argumentos satisfatórios de Dee Snider, direcionados a desconstrução da "imagem de que todo roqueiro é um sujeito demoníaco, arruaceiro hedonista e irresponsável", os conhecidos selos de advertência a produções fonográficas consideradas impróprias aos jovens, foram mantidos nos Estados Unidos<sup>2</sup>.

Nesta linha, parte da inspiração para tal trabalho pode ser atribuída a polêmica envolvendo a elaboração de uma questão de vestibular em 2015, articulando elementos da música *Ices High*<sup>3</sup> da banda de heavy metal inglesa Iron Maiden, com informações pertinentes

---

<sup>2</sup> CARDIM. **30 Anos Desde que o Rock Invadiu o Senado dos EUA**. A música em questão, foi "We're Not Gonna Take It", do álbum "Stay Hungry", lançado em 1984.

<sup>3</sup> A música abrange a Segunda Guerra Mundial, a partir da narrativa de um combate aéreo envolvendo caças ingleses Supermarine Spitfire da Royal Air Force - RAF, contra os Messerschmitt BF 109 alemães da Luftwaffe, segundo o ponto de vista de um piloto inglês, em meio a chamada Batalha da Grã-Bretanha, ocorrida em 1940.

**Volume 22, número 1: 2017**

à Segunda Guerra Mundial. Na ocasião, mesmo que a música em questão trate do assunto, inclusive retomando, em sua introdução, parte do discurso de Winston Churchill exaltando os britânicos à luta contra os alemães<sup>4</sup>, houve certa resistência por parte de alguns profissionais, inclusive da própria História, que julgaram inapropriado o uso de tal fonte para a elaboração de uma questão desta natureza. Mantida por insistência, apesar da apreensão, nenhum recurso foi gerado e, dentre os estudantes que realizaram o processo seletivo, foi a mais comentada, exatamente em função da música que lhe serviu de aporte.

O fato descrito acima, aguçou ainda mais a inquietude pertinente a realização de um trabalho envolvendo História e música, apesar dos desafios metodológicos no trato desta enquanto fonte, uma vez que, neste sentido, "os historiadores, lentamente", ainda "vêm tentando encontrar caminhos próprios de análises", compatíveis com o próprio ofício (NAPOLITANO: 2006, p. 258). Assim, para além das dificuldades, o propósito deste trabalho é articular algumas discussões envolvendo a banda Iron Maiden e determinados aspectos históricos, particularmente no que concerne o mal-estar inscrito no contexto do neoliberalismo britânico na década de 1980. Para tanto, visto o farto material fonográfico da banda, embora algumas músicas com viés histórico venham a ser ressaltadas para além do recorte supracitado, maior atenção será atribuída a *Sanctuary* de 1980 e *The Number of The Beast* de 1982, por viabilizarem as discussões de maior interesse aqui.

Criada na Inglaterra em 1975, pelo baixista Steve Harris, a banda Iron Maiden é considerada por especialistas e, o mais importante, pelos adeptos da cultura heavy metal<sup>5</sup>, como uma das maiores referências do mencionado estilo musical, sobretudo pertinente a chamada "Nova Onda do Heavy Metal Britânico"<sup>6</sup>. Notória pela combinação da qualidade melódica,

---

<sup>4</sup> Discurso proferido em 04 de junho de 1940, na Câmara dos Comuns em Londres, às vésperas do domínio alemão sobre a cidade de Paris, na França.

<sup>5</sup> Para além de um estilo musical dentro do gênero rock, o heavy metal engendra uma cultura, visto gerar um sentimento de pertencimento entre seus adeptos, que pode ser expresso pelo gosto pela música, fidelidade às bandas que representam tal estilo, comportamentos específicos, modo de vestir e pouco apreço pelas convenções sociais admitidas como mais conservadoras, sobretudo àquelas vinculadas aos ditames das religiões cristãs .

<sup>6</sup> Em inglês New Wave of British Heavy Metal (N.W.O.B.H.M.), foi um movimento musical observado na Inglaterra entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980 que, essencialmente, promoveu novo dinamismo ao heavy metal, após alguns anos de predomínio do punk. Essencialmente, diminuíram a influência do blues sobre o estilo (marcante nas primeiras bandas como o Black Sabbath), imprimiram maior peso e velocidade na execução dos instrumentos, priorizando uma sonoridade mais metálica e melódica, que passou a demandar vocalistas mais operísticos. São representantes deste movimento, além do Iron Maiden, Samson, Def Leppard (no

**Volume 22, número 1: 2017**

velocidade e peso do som instrumental que produz (particularmente os riffs<sup>7</sup>), com o estilo operístico de produção vocal do seu frontman, a banda também se destaca pela performance no palco, bem como por suas letras inquietantes que, não raro, a partir do viés histórico, têm as guerras, as angustias humanas e a religião como abordagens corriqueiras. Além disso, por meio de uma bem-sucedida estratégia de marketing, seus músicos, buscando minimizar a concorrência entre si pela visibilidade do público, ao mesmo tempo em que intentavam intensificar a visibilidade da própria banda junto ao público, investiram notoriedade no personagem “Eddie The Head”, que não só passou a personificá-la, como representar o mal-estar que marcou o período inscrito neste trabalho. Apesar das várias mudanças de integrantes desde sua origem, a formação atual da banda é a mais duradoura, composta pelo vocalista Bruce Dickinson, pelo baterista Nicko McBrian, pelos guitarristas Adrian Smith, Janick Gers e Dave Murray, além do baixista Steve Harris, sendo os dois últimos os únicos a participarem de todos os álbuns.

Sobre a vinculação da banda com a História, o próprio nome Iron Maiden, cuja melhor tradução para o português quer dizer Donzela de Ferro, remete a um instrumento de tortura e execução de mesmo nome, que teoricamente originou-se na Idade Média, mas cujo único exemplar reconhecido, chamado a "virgem de Nuremberg", teria surgido no início do século XIX no Sacro Império Romano Germânico, então em declínio. Trata-se de um sarcófago de metal com pontas perfurantes em seu interior, onde o condenado era confinado até a morte, fosse pelos ferimentos ou asfixia. Segundo Steve Harris, o nome foi pensado após ter assistido a uma versão do filme "O Homem da Mascarada de Ferro" de 1939, que continha cenas representativas do supracitado instrumento.

Sobre a Idade Média, declaradamente o período histórico mais instigante para Steve Harris, várias são as canções da banda sobre o assunto, a exemplo de *Hallowed be Thy Name* e *Invaders*, ambas do álbum *The Number of The Beast* de 1982, além de *Montségur*, do álbum *Dance of Death* de 2003. Na primeira, cuja tradução pode ser compreendida como "Santificado

---

início da carreira) e Venom. Este movimento influenciou o surgimento de outras bandas dentro do mesmo estilo, como o Metálica, bem como de outros, a exemplo do Slayer, inscrito no thrash metal.

<sup>7</sup> Progressão de acordes ou notas, geralmente de guitarra, mas no caso do Iron Maiden também de baixo, repetidas no contexto da música, formando base ou acompanhamento.

**Volume 22, número 1: 2017**

Seja Vosso Nome", letra, melodia e ritmo se articulam de modo a conduzir o ouvinte a sensibilização acerca das angustias de um condenado a morte, antes de sua execução. No caso de *Invaders*, a temática é a invasão dos vikings ao Ocidente Europeu entre os séculos VIII e IX. Já a última, trata do massacre dos cátaros, também conhecidos como albigenses, no castelo de Montségur localizado no sudoeste da França, em 1244, por cruzadistas a mando do rei Luis IX e do papa Inocêncio IV, que os consideravam hereges.

Para além da Idade Média, é vasta na discografia do Iron Maiden músicas que versam sobre assuntos históricos que, embora pouco notório dentre os profissionais da História<sup>8</sup>, não passou despercebido por pesquisadores de outras áreas do conhecimento. De modo a corroborar tal afirmação, o artigo intitulado "Personagens e Fatos Históricos nas Canções do Iron Maiden: uma jornada da pré-história à Segunda Guerra Mundial", produzido por Lauro Meller, doutor em Letras e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, é elucidativo para tanto. Segundo Meller, embora surpreenda, inicialmente, abordagens históricas na discografia da banda, uma vez que isso não é comum no universo do heavy metal, há neste estilo musical "certos elementos que contribuem para essa convergência". Para o autor, em termos estéticos, por exemplo,

a instrumentação do heavy metal contém um inegável componente épico, grandiloquente, e esse suporte musical constitui um terreno fértil para as alusões históricas, principalmente para aquelas relativas aos conflitos bélicos, em todas as suas configurações (das lutas corpo-a-corpo às batalhas aéreas). Estamos falando não somente das letras vociferadas, das guitarras distorcidas ou da bateria e do contrabaixo pulsantes, que elevam os níveis de adrenalina - isso sem mencionar o volume invariavelmente alto em que se costuma ouvir esse estilo de música, mas também de alguns elementos estritamente musicais que de alguma forma combinam perfeitamente com os temas tratados nas canções. Alguns deles, seriam, por exemplo, os acordes quase sempre em modo menor (que sugerem sentimentos negativos, como tristeza ou melancolia - ou mesmo morbidez), o andamento acelerado em que as canções são executadas ou a longa duração das faixas, apropriada para os extensos relatos históricos (MELLER: 2005, p. 3).

---

<sup>8</sup> Ressalva seja feita ao trabalho de Rodrigo Medina Zagni, intitulado "When Two Worlds Collide: Representações do Real e Monstruosidades Fantásticas no Conjunto Simbólico das Capas de Álbuns e Singles da Banda Iron Maiden", que destaca, sobretudo, a relação da produção gráfica da banda com as representações simbólicas e produções de sentidos, sem, contudo, se ater especificamente aos aspectos históricos das canções, salvo algumas exceções.



**Volume 22, número 1: 2017**

Como visto, ao contrário do que possa parecer, segundo o autor há um acerto na decisão dos músicos em associar o heavy metal com a História, o que, indiscutivelmente, é um dos aspectos de notoriedade da banda. No que tange as músicas em si, delimitando um recorte temporal inscrito na década de 1980, Lauro Meller optou por explanar sobre cinco, dentre as dezenas possíveis, embora seu artigo tenha sido produzido em 2005. Neste sentido, além das músicas *Aces High* e *Hallowed Be The Name*, também já abordadas aqui, o autor explanou sobre *Quest for Fire*, *Run to the Hills* e *Alexander the Great*. A primeira, trata da "busca pelo fogo pelas tribos pré-históricas, e de como essa fonte de calor e luz foi o pivô de sangrentas batalhas" (MELLER: 2005, p. 4). A segunda versa sobre o processo de expansão territorial dos Estados Unidos, sobretudo no século XIX, a partir da perspectiva dos índios e dos colonizadores. Já a terceira remonta ao ano de "334 a.C, quando Alexandre Magno torna-se soberano da Macedônia. O caráter épico do tema está em perfeita consonância com o estilo grandioso do arranjo e com a duração da faixa", quase nove minutos, "com direito até a uma introdução 'falada' por seu pai, o rei Felipe II" (MELLER: 2005, p. 5).

Embora não seja o ponto central deste artigo, de modo a evidenciar ainda mais o gosto dos músicos da banda pelas temáticas históricas, bem como lançar contribuição a maiores estudos sobre o assunto a quem possa interessar, é válido salientar mais algumas músicas, ainda que sem maior profundidade neste sentido. Do álbum *Killers* de 1981, é possível destacar a música *Genghis Khan* que, de modo instrumental (uma das poucas da banda), procura enaltecer tal conquistador mongol que viveu entre os séculos XII e XIII, a partir da simulação de uma batalha. Para tanto, é possível interpretar, sobretudo a partir das constantes alterações de ritmos e recursos instrumentais, que a música procura destacar as seguintes etapas: a carga de adrenalina peculiar aos soldados antes do combate; a marcha em direção ao inimigo; o combate em si e a euforia da vitória em meio a carnificina.

Do álbum *Piece of Mind* de 1983, a música *The Trooper*, uma das mais conhecidas da banda, aborda a Batalha da Balaclava (de 1854) em meio a Guerra da Criméia, a partir da narrativa de um cavaleiro inglês que, mesmo sem maior perspectiva de vitória, avança contra a linha inimiga russa, até a sua morte. Uma curiosidade desta música, vincula-se ao fato de que ela foi inspirada em um poema do século XIX, intitulado "The Charge of the Light Brigade"

**Volume 22, número 1: 2017**

("A Carga da Brigada Ligeira"), escrito pelo inglês Alfred (Lord) Tennysson. Tal poema, notoriamente articulado ao Salmo 23, foi escrito como forma de tributo aos cavaleiros ingleses integrantes da supracitada brigada que, em 25 de outubro de 1854, após dramático ataque contra o volumoso exército russo durante a batalha já mencionada, acabaram mortos em grande parte. Tomado como um dos maiores exemplos de coragem e expressão do nacionalismo inglês no século XIX, tal acontecimento também já foi explorado pelo cinema em dois filmes homônimos ao poema, sendo um de 1936 e outro de 1968. Assim, não por acaso, quando chega a vez da execução de *The Trooper* durante os shows, momento sempre aguardado pelos fãs mesmo fora da Inglaterra, onde a produção de sentido da música não é o mesmo, a banda sempre oferece um espetáculo teatral diferenciado. Neste sentido, o frontman, Bruce Dickinson, não só aparece vestido um casaco militar ao estilo de época, como tremula uma bandeira britânica freneticamente, enquanto vocifera a letra em meio a um ritmo instrumental adrenalínico, tendo ao fundo (em um telão) o personagem Eddie, também personificado como um militar inglês do século XIX, a empunhar a mesma bandeira energicamente. Neste mesmo álbum, outra música de relevo histórico é *Flight of Icarus* que, como o nome sugere, trata de mitologia grega, mais especificamente o fatídico voo de Ícaro.

Proveniente do álbum *Powerslave* de 1984, as músicas *Powerslave*, *The Duellists* e *2 Minutes to Midnight*, vinculam-se à História. A primeira trata sobre a escravidão e a mitologia no Egito antigo. Já a segunda, inspirada em um filme de Ridley Scott de mesmo nome, produzido em 1977, aborda as rivalidades entre dois oficiais do exército francês da Era Napoleônica, que resultaram em um duelo final entre ambos. Quanto a terceira música, seu conteúdo faz referência ao chamado "relógio do apocalipse" ou "relógio do juízo final", criado em 1947 pelos diretores do "Boletim dos Cientistas Atômicos" da Universidade de Chicago. Segundo os estudos divulgados neste, considerando como vinte e quatro horas o período de existência da humanidade em relação aos avanços nucleares, durante alguns momentos da Guerra Fria esta esteve a dois minutos da meia noite, ou seja, da sua extinção. Apesar da aleatoriedade dos ajustes, que nem sempre corresponderam aos episódios mais dramáticos do período, a exemplo da Crise dos Mísseis de 1962 (onde marcou um horário considerado por

**Volume 22, número 1: 2017**

especialistas como aquém do aceitável), tal relógio ganhou notoriedade internacional. Além disso, na música também é perceptível referências que sugerem crítica a Guerra do Vietnã.

Do ano de 1992, o álbum *Fear of the Dark* inclui a música *Afraid to Shoot Strangers*, que evidencia uma reflexão acerca da Guerra do Golfo de 1991, a partir da perspectiva de um soldado sobre os fatos, provavelmente inglês, já que o clipe procura evidenciar a participação da Inglaterra no conflito. Também sobre guerra, uma das abordagens mais evidentes na discografia da banda, o álbum *Dance of Death* de 2003, traz a música *Paschendale*, que aborda uma batalha de mesmo nome ocorrida nos arredores da cidade de Ypres, na Bélgica, entre julho e novembro de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial. Semelhante a *The Tropper* em termos de narrativa, apresenta a visão de um soldado inglês frente aos combates contra o quarto exército alemão, até sua morte, a exemplo de centenas de milhares de ambos os lados, apesar da "vitória de Pirro" dos ingleses e seus aliados.

Na sequência das contribuições, o álbum *A Matter of Life and Death* de 2006, apresenta duas músicas diretamente relacionadas com a História. Em *Brighter Than a Thousand Suns*, o objetivo é destacar o chamado Projeto Manhattan dos Estados Unidos na década de 1940, não só no que diz respeito a produção da bomba atômica, como seu potencial de destruição em massa. Em *The Longest Day*, o destaque é o desembarque de tropas aliadas no norte da França em meio ao chamado "Dia D", durante a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em seis de junho de 1944. Marcado pela guerra enquanto temática, como a banda procurou expressar desde a capa, este álbum, lançado no Brasil propositalmente em 11 de setembro do ano supracitado, possui três músicas críticas neste sentido, a citar apenas *These Colours Don't Run*, a mais notória dentre elas.

Atendo-se ao último álbum, no que tange a abordagem de temas históricos na discografia do Iron Maiden (embora existam outras), em *The Book of Souls* de 2015, o destaque é para uma música de mesmo nome, bem como *Empire of the Clouds*. A música *The Book of the Souls* aborda aspectos culturais e religiosos da civilização Maia, na América Central, enquanto a outra, a maior em duração até o momento, trata do desastre do dirigível inglês R101, quando este sobrevoava a França, em outubro de 1930, com destino à Índia. Para a realização deste álbum, que tem por foco a civilização Maia, a preocupação com os aspectos históricos foi



**Volume 22, número 1: 2017**

tão intensa que, desde a caracterização do personagem Eddie, até o estilo das letras e uso das palavras, muito foi pensado, inclusive por meio da assessoria do historiador inglês Simon Martin, especialista no assunto. Aqui, não por acaso, que pese o gosto pela História, tal apelo vincula-se a uma estratégia de marketing da banda, uma vez que parte dos países percorridos durante tal turnê, foram da América Latina.

Além das músicas, outro elemento de vinculação da banda com a História vem do seu vocalista, Bruce Dickinson, nela formado pelo Queen Mary and Westfield College da Universidade de Londres. Embora não seja o principal compositor da banda, tarefa notoriamente mais desempenhada pelo baixista Steve Harris, ele contribuiu, indiscutivelmente, não apenas para ampliar o gosto da banda pelas temáticas históricas, mas também para sua conformação musical de modo a abordá-las de forma épica e eloquente. Neste sentido, como já argumentou Steve Harris, também apreciador da História, "tentamos escrever letras que significam algo", de modo a que "quando alguém compre o disco, não apenas o escute, mas leia as letras", pois, "quando você senta para escrever uma letra que realmente te envolve, é muito mais interessante". Além disso, "é mais agradável para o Bruce cantar algo em que ele possa dar algum sentido ao vocal"<sup>9</sup>.

Além das composições, a exemplo da participação em oito dentre as abordadas neste texto até o momento, de fato, a performance e a contribuição vocal de Bruce Dickinson à banda, são singulares. Para Robert Walser, musicólogo da Universidade da Califórnia, ele "possui um estilo operístico de produção vocal desenvolvido no século XIX, antes que existisse a amplificação para alcançar o fundo da sala"<sup>10</sup>. Segundo Sam Dunn, antropólogo canadense, "o estilo operístico de Bruce Dickinson teve um enorme impacto no heavy metal, e mesmo que as pessoas não associem o metal com estilos de música virtuosa, como a música clássica ou a ópera, são estas influências que fazem com que o metal seja único"<sup>11</sup>.

Se no Iron Maiden, a voz de Bruce Dickinson vincula-se a ópera, o instrumental não é diferente. Se para obter o som do metal é indispensável o emprego "de guitarras elétricas, com

---

<sup>9</sup> Steve Harris. Entrevista ao Programa Viva Vida.

<sup>10</sup> Robert Walser. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

<sup>11</sup> Sam Dunn. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

**Volume 22, número 1: 2017**

boa amplificação e distorção", também "precisa ter forte som de baixo e bateria"<sup>12</sup> para lhe conferir peso e sustentação e, neste aspecto, as raízes do metal estreitam-se com "a música clássica obscura, poderosa e pesada, como a de Richard Wagner"<sup>13</sup>. Para Bob Ezrin, um dos principais aspectos que vinculam a música de Wagner com o heavy metal, foi a incorporação dos "contrabaixos, inclusive um octobaixo, o qual tinha o dobro do tamanho e requeria duas pessoas para tocá-lo (...), além do uso das oitavas inferiores em suas orquestras que, quando elas tocavam, as paredes tremiam"<sup>14</sup>. Neste aspecto, para dar suporte a três guitarras, situação única dentre as bandas de heavy metal até então, a bateria de Nicko McBrian, bem como o baixo de Steve Harris no Iron Maiden, são extremamente exigidos, singularizando, sobremaneira, a qualidade sonora da banda que tanto agrada aos fãs. Corroborando com tal afirmação, para o guitarrista da banda Anthrax, Scott Ian, "a mão direita do Steve Harris é a própria essência do metal"<sup>15</sup>.

Apesar das particularidades expressas até o momento, favorecerem certa compreensão acerca de algumas razões que ratificam a notoriedade do Iron Maiden dentre as bandas de heavy metal, elas não são suficientes para justificarem seu sucesso midiático e de público. Para tanto, algumas discussões pertinentes aos primórdios da banda e o contexto histórico em que estavam inseridos, são necessárias.

Em meio a Guerra Fria, a década de 1970 apresentou seus custos econômicos ao mundo, particularmente após o primeiro choque do petróleo. Se por um lado o modelo soviético de economia planificada começava a agonizar, sufocada pelos custos da Guerra do Afeganistão, bem como a China de Mao Tsé-tung começava a acenar para uma abertura econômica controlada em parte do País, por outro, o ocidente empreendeu uma cruzada contra as práticas keynesianas, em nome do discurso da intensificação da livre concorrência de mercado, valorização do mérito, desoneração dos estados nacionais e desenvolvimentos, tecnológico e econômico, mais plenos. Todavia, o resultado, como argumentou Eric Hobsbawm, foi que "quanto a pobreza e miséria, na década de 1980 muitos dos países mais ricos e desenvolvidos

---

<sup>12</sup> Deena Weinstein. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

<sup>13</sup> Bob Ezrin. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

<sup>14</sup> Bob Ezrin. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

<sup>15</sup> Scott Ian. **Metal Evolution**. Documentário

**Volume 22, número 1: 2017**

se viram outra vez acostumando-se com a visão diária de mendigos nas ruas, (...) e desabrigados protegendo-se em (...) caixas de papelão" (HOBSBAWM: 2006, p. 396). A verdade é que, ao contrário das prerrogativas neoliberais defendidas por economistas como Friedrich Hayek e Milton Friedman, "a história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise" (HOBSBAWM: 2006, p. 393), que projetaram um clima de depressão e mal-estar social e político. Desse modo, "uma das justificativas morais básicas para a economia de livre mercado, isto é, que a busca de lucro individual também fornece o melhor mecanismo para a busca do bem comum, se" viu "assim questionada e quase desmentida" (BAUMAN: 2015, p. 11).

Considerando o contexto acima, é possível afirmar que a Inglaterra foi uma das pioneiras, a partir do governo de Margaret Thatcher. Escolhida como primeira-ministra em 04 de maio de 1979, pelos membros do Partido Conservador que então controlavam o Parlamento Inglês, Thatcher, simpatizante das idéias de Friedrich Hayek, não só empreendeu um governo de caráter neoliberal, como veio a se tornar, juntamente com o presidente Ronald Reagan dos Estados Unidos, a mais notória expressão internacional de seus postulados. Todavia, para além de alguns avanços econômicos, em termos sociais seu governo foi marcado pela intensificação das desigualdades sociais. Neste aspecto, alguns dados dos seus dois primeiros anos como Primeira Ministra impressionam. O coeficiente de Gini piorou, a pobreza infantil dobrou, a desigualdade social foi intensificada em um terço, o salário mínimo foi abolido, a inflação dobrou, a produção industrial foi reduzida e o desemprego triplicou, saltando de 1 milhão em 1979, para 3 milhões em 1981.

Para Eric Hobsbawm, "o governo da sra. Thatcher na Grã-Bretanha era tão impopular na esquerda, mesmo durante seus anos de sucesso econômico, por que se baseava num egoísmo associal, na verdade anti-social" e, embora fizesse o discurso neoliberal de desoneração do estado, opostamente "taxava seus cidadãos um tanto mais pesadamente do que eles o tinham sido sob os trabalhistas", defensores das políticas keynesianas (HOBSBAWM: 2006, pp. 399 e 401). Em outras palavras, o governo Thatcher não só retirou das parcelas mais pobres da sociedade inglesa alguma assistência pública, como passou a usurpar-lhes parte do pouco que conseguiam. É neste cenário social que o Iron Maiden vai despontar e contra ela se indispor.

**Volume 22, número 1: 2017**

Procurando sobreviver aos anos de crise na pobre e operária região londrina de East End, o desenhista técnico e baixista, Steve Harris, após algumas participações pouco notórias em outras bandas, decidiu criar o Iron Maiden em 1975, como já mencionado. Inicialmente formada, além de Steve Harris, pelos guitarristas Dave Sullivan e Terry Rance, pelo vocalista Paul Day e pelo baterista Ron Mattheus, a banda começou a ganhar notoriedade em suas apresentações pelos pubs de Londres, apesar das constantes trocas de integrantes nos primeiros anos. Que pese a busca por uma identidade musical ligada ao heavy metal, com a entrada do vocalista Paul Di'Anno (em 1978) a banda não conseguiu se desvencilhar completamente do estilo punk, então dominante no cenário inglês, embora Steve Harris refute isso insistentemente. Foi neste momento que a velocidade, uma das características da banda e do N.W.O.B.H.M., foi acrescida à sua qualidade instrumental, sobretudo no que tange o próprio baixo de Steve Harris e a guitarra de Dave Murray, ingresso em 1976.

Por volta de 1978, em meio as experiências que pudessem resultar algum diferencial para além da musicalidade em si, a banda criou seu produto mais notório, o Eddie. Inscrito em um painel com o nome da banda, inicialmente era apenas uma grande cabeça com iluminação nos olhos e que espirrava sangue falso sobre a cabeça do baterista Doug Sampson, ingresso em 1977. A criação do coreógrafo Dave Beasley, amigo do guitarrista Dave Murray, caiu no gosto dos fãs, que passaram a chamá-lo de Edward the Head, ou simplesmente Eddie, por conta de um conto inglês<sup>16</sup>, apesar de outras versões para o nome.

---

<sup>16</sup> Conto inglês: Eddie tinha nascido sem corpo, braços e pernas. Só tinha a cabeça. Mas tirando esse problema de nascimento seus pais o amavam muito. No seu décimo sexto aniversário eles foram a um médico que lhes disse que poderia dar um corpo ao garoto. Os pais ficaram malucos com a novidade porque seu filho poderia finalmente ser uma pessoa normal. Eles voltaram para casa e falaram para Eddie: "Nós temos uma surpresa para você. É o melhor presente do mundo!" ao que Eddie diz: "Oh não! deve ser outro boné!".

Volume 22, número 1: 2017



IMAGEM 1: Uma das primeiras aparições do Eddie. Fonte: MURRAY. **Edward The Head - O Mascote.**

O sucesso foi tão grande, que em 1980 o desenhista Derek Riggs foi contratado para detalhar o rosto e criar um corpo para o personagem, que desde então passou a personificar a própria banda. Na verdade, Riggs já possuía um desenho de uma figura em decomposição, semi-esquelética, "inspirado no movimento punk rock inglês", cuja referência foi uma "foto de guerra" de um trabalho escolar da década de 1970, retirada da "Revista Time"<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Derek Riggs em entrevista a Hilary Whiteman.



Volume 22, número 1: 2017



IMAGEM 2: Fotografia de Ralph Morse de 1942, que serviu de referência para Derek Riggs desenhar o Eddie. Trata-se da cabeça de um soldado japonês colocada em um tanque desativado, após a batalha de Guadalcanal nas Ilhas Salomão, Oceano Pacífico, em meio a Segunda Guerra Mundial. Fonte: COSGROVE, Ben. **Ralph Morse: Photographer Spotlight - in tribute.**

Embora o desenho tenha sido "inspirado no movimento punk rock inglês", uma vez que, para Riggs, seus integrantes tinham "meio que a filosofia da rua" e representavam uma época em que a juventude "estava sendo desperdiçada e jogada no lixo"<sup>18</sup>, não obteve aceitação até ser apresentado aos músicos do Iron Maiden. Nas palavras de Derek,

Comecei a mostrar meu portfólio aos diretores de arte de gravadoras, que normalmente se escondiam de medo, quando o viam. Uma vez, um diretor de arte me expulsou de seu escritório porque ele não achava que era uma capa apropriada para um álbum de rock. Ele apontou para um desenho na parede, que para ele era uma capa de rock ideal: era uma pintura de uma garçoneite usando mini-saia, se curvando de modo que você conseguia ver sua calcinha. Um outro sugeriu que eu fosse cortar meu cabelo e desenhasse coisas mais normais, porque eu "parecia um esquisitão, ou deficiente mental, e que eu deveria parar de desenhar aquelas coisas e deveria fazer terapia. O desenho não despertou interesse de ninguém por um ano e meio, antes do Maiden pedir para ver meu portfólio<sup>19</sup>.

Uma vez acordada a parceria entre a banda e o desenhista, que durou até a década de 1990, embora o Eddie tenha aparecido sob sombras pela primeira vez na capa do single *Running*

<sup>18</sup> Derek Riggs em entrevista a Hilary Whiteman.

<sup>19</sup> Derek Riggs em entrevista a Hilary Whiteman.

### Volume 22, número 1: 2017

*Free* em 1980, sua fisionomia, embora um tanto punk, só veio a ser conhecida, de fato, na capa do primeiro álbum da banda, intitulado *Iron Maiden*<sup>20</sup>. Lançado em abril de 1980 pela EMI, gravadora com a qual havia assinado contrato em novembro de 1979, o álbum garantiu visibilidade à banda não só na Inglaterra, mas em quase toda a Europa e Estados Unidos, fato para o qual o Eddie teve contribuição. Como afirmou Steve Harris, "as pessoas que iam às lojas de discos ficavam impressionadas com a capa" e "muitas pessoas compravam o disco por causa da capa", pois, "ela causou boa impressão"<sup>21</sup>.



IMAGEM 3. Capa do álbum **Iron Maiden** de 1980.

Muito embora Derek Riggs entenda que o Eddie é "apenas um desenho" desprovido de "personalidade", em tempos de mal estar social e político ele passou a ser muito mais que um simples desenho. Rotulado como demônio, monstro, mascote, personagem e anti-herói pelos

---

<sup>20</sup> Na verdade, embora este seja o primeiro álbum gravado em estúdio, a banda já havia gravado uma demo tapes em vinil, de modo independente em 1979, intitulada *The Soundhouse Tapes*, que vendeu rapidamente as cinco mil cópias impressas, fato que contribuiu para chamar a atenção da EMI. Esta demo tapes já continha a música *Iron Maiden*, que atingiu o primeiro lugar na parada de metal inglesa. Tal música, também foi incorporada ao álbum de mesmo nome em 1980.

<sup>21</sup> Steve Harris. **Metal Evolution**. Documentário.

**Volume 22, número 1: 2017**

fãs e especialistas que já se ativeram a ele, na verdade ele passou a representar uma espécie de oposição ao formalismo da vida cotidiana que submete, sobretudo os mais jovens, a determinados comportamentos e expectativas cada vez mais intangíveis. Assim, é possível admitir que a função primordial simbólica do Eddie "é a de transgredir a ordem posta" (ZAGNI: 2009, p. 131).

Como afirma Jeder Janotti Jr, "colocando-se contra o tédio que estaria presente em grande parte dos rituais que envolvem a família, a escola e o trabalho, a cultura juvenil celebra uma torção das produções de sentido encontradas nesses espaços", pois, "a cultura juvenil celebra a inscrição da diferença" (JANOTTI JR.: 2003, p. 21). Complementando, Grossberg argumenta que, embora o jovem não possa "estar fora da vivência do dia-a-dia, a trajetória de sua mobilidade" a partir do rock, pode "apontar um mundo transcendente, uma alternativa" para o cotidiano (GROSSEBERG: 1997, p. 115), o qual o Eddie apresenta-se como a própria personificação visual. Assim, o desenho de Derek Riggs foi alçado a condição de produto de consumo, seja estampado em camisetas, jogos, brinquedos, capas de discos e cerveja, dentre outras formas, que o fizera ser "mais vendido que o Mickey Mouse"<sup>22</sup> e mais conhecido que os próprios integrantes do Iron Maiden.

Cientes do potencial do produto que dispõem, os próprios músicos fazem questão de enaltecê-lo, não só a partir das capas dos discos mas, dentre outras situações, vestindo as camisetas e garantindo a participação do gigante boneco Eddie nos shows. Destarte, por mais que se escreva, procurar definir o Eddie, bem como seu apelo comercial não é tarefa simples, nem mesmo para os integrantes da banda, que preferem assim mantê-lo longe de estereótipos. Para Bruce Dickinson, quanto a natureza do Eddie,

ninguém sabe. Eddie é enigmático, o último monstro anti-herói que você amaria Ele seria o cara mais legal de ter no ônibus escolar, mas você realmente não iria querer jantar com ele. Ele faz coisas ruins, mas apenas para as pessoas que merecem. Mas ele é um enigma e o enigma se perde ao expor seu perigo, na verdade. Se você perde aquela coisa enigmática sobre ele, você perde o mistério"<sup>23</sup>.

Ainda que na devida proporção comparativa possível, em outras palavras, o que o frontman do Maiden quis expressar em relação ao Eddie é que, "o verdadeiro poder começa

---

<sup>22</sup> Derek Riggs em entrevista a Hilary Whiteman.

<sup>23</sup> Bruce Dickinson em entrevista à Noise Creep.

**Volume 22, número 1: 2017**

onde o segredo começa" (ARENDR: 2002, p. 453). Assim, considerando que "até meados da década de 1970 a música era composta e produzida para ser ouvida e dançada "mas que," a partir daí, ela é produzida cada vez mais para ser vista (...), frequentemente subordinada ao império da imagem" (NAPOLITANO: 2006, p. 256), o Iron Maiden tem conseguido explorar bem seu personagem central, que atualmente vende mais camisetas que as músicas da banda<sup>24</sup>. Para tanto, contrariando Derek Riggs, Eddie não podia ser apenas um desenho. Foi preciso se tornar personagem plenamente integrado as temáticas preconizadas pela banda, de modo a não apenas "constituir a ficção", mas fundar "o próprio espetáculo" (CANDIDO: 1968, p. 23), inclusive teatral, tão ao gosto da banda. Aqui, considerando a inviabilidade de maior estudo sobre o assunto em função de sua amplitude, até mesmo pela discografia da banda, apenas dois casos serão salientados, sendo o primeiro envolvendo o governo de Margaret Thatcher, e o segundo a questão religiosa, visto ambos terem conferido ao Iron Maiden a notoriedade necessária à sua mundialização.

Como já abordado, os números dos dois primeiros anos do governo Thatcher foram bastante desfavoráveis aos segmentos de menor renda na Inglaterra. Neste momento, a banda, cujos integrantes, em sua maioria, eram provenientes da operária e pobre região londrina de East End, passou a fazer sucesso. Em função de sua postura visceralmente anticomunista e antissindical em meio a Guerra Fria, os russos passaram a se referir a Thatcher, no final da década de 1970, como "iron lady", ou seja, "dama de ferro", alcunha que a própria primeira ministra aderiu. Não tardou para a banda perceber isso como uma oportunidade, não apenas para protestar contra o governo mas, sobretudo, para alcançar visibilidade da mídia. Assim, em maio de 1980, diante da crescente oposição de seguimentos sociais de centro esquerda ao governo Thatcher, dentre os quais muitos jovens afetados pela política neoliberal por ela encetada, a banda lançou o single intitulado *Sanctuary*. Em sua capa, o personagem Eddie, já desprovido do apelo punk e mais adequado ao estilo heavy metal, apresenta-se executando a própria Thatcher, após ela ter arrancado um cartaz da banda de uma parede.

---

<sup>24</sup> FERREIRA. Vocalista do Iron Maiden Conta na Campus Party Como Abriu Empresa de Avião.



Volume 22, número 1: 2017



IMAGEM 4: Capa do single **Sanctuary** de 1980.

O ato, compreendido como um protesto não apenas ao governo, mas também ao conservadorismo, garantiu ao Iron Maiden a notoriedade esperada pelo público e pela mídia. No mais, além da capa, a própria música salienta que "eu nunca matei uma mulher antes, mas eu sei qual é o sentimento"<sup>25</sup>, em uma referência implícita também a própria Thatcher. Foi um golpe de marketing. Na luta entre as iron maidens, créditos para a banda. A reação não tardou e a banda foi obrigada a colocar uma tarja nos olhos do desenho da primeira ministra, como forma de censura. Já era tarde. A música foi tomada como um hino contra ela e contra o neoliberalismo, vindo a atingir as fronteiras para além da Inglaterra. A banda não perdeu tempo. Aproveitando o bom momento, incluiu a música no álbum *Iron Maiden* que, embora já tivesse sido lançado na Inglaterra sem ela, ainda não havia sido lançado nos Estados Unidos, o que veio a ocorrer em agosto de 1980.

A exploração do governo Thatcher deu tão certo, que a banda decidiu continuar por algum tempo. No mesmo ano de 1980, a capa do single *Women in Uniform* trouxe a ressuscitada Thatcher, vestida como militar e com uma metralhadora na mão, à espera do Eddie que,

---

<sup>25</sup> Música Sanctuary



**Volume 22, número 1: 2017**

distraído com duas garotas, apresenta-se displicente face ao perigo. A peleja veio a se encerrar em 1981, com a capa do segundo álbum intitulado *Killers*, onde a mão de uma mulher agonizante é percebida a puxar a camiseta do vitorioso Eddie, a empunhar uma machadinha cheia de sangue. Embora os músicos tenham preferido o mistério, para o público trata-se novamente de Margaret Thatcher.

Passado este capítulo, o Iron Maiden resolveu investir em uma nova polêmica que lhe rendeu consagração mundial, ou seja, a questão da religião. Em março de 1982, lançou aquele que é considerado pelos críticos e fãs como o melhor álbum de sua discografia e uma das maiores referências, não apenas do heavy metal, como do rock em geral, *The Number Of The Beast*, que também marcou o ingresso do vocalista Bruce Dickinson junto ao grupo. Segundo Steve Harris, a música tema, homônima ao próprio álbum, foi baseada em um sonho dele, após ter assistido ao filme "A Profecia II" ("Damien: Omen II") de 1977, bem como ter lido o poema "Tam o'Shanter", escrito pelo escocês Robert Burns no século XVIII<sup>26</sup>.

Em termos de impacto, a música inicia-se com trechos de duas passagens bíblicas do livro do Apocalipse, sendo-os o versículo 12 do capítulo 12 e o versículo 18 de capítulo 13, narrados pelo locutor inglês Barry Clayton. Especificamente, o último trata do suposto número da besta, 666, que tanto permeia o imaginário cristão desde a Antiguidade, por ser considerado o número do anticristo, do emissário do diabo, aspecto também abordado no filme supracitado. Sequencialmente, a letra traz a narrativa, em parte inspirada no poema, de alguém atormentado por visões sinistras, inscritas em um ritual satânico, o qual não consegue determinar se faz parte da "realidade ou apenas um sonho louco". Assim, diante da "face do mal" marcada pelo número 666, que ao mesmo tempo apavora e seduz, o "desespero" é traduzido por um grito estridente e prolongado do vocalista<sup>27</sup>.

Se a letra da música contém elementos considerados perturbadores aos mais religiosos, a capa não fica por menos, ao escancarar o Eddie manipulando o próprio diabo, enquanto este, por sua vez, manipula um humano em meio as chamas que sugerem o inferno. Desde então, embora seus músicos refutem tal alcunha, o Iron Maiden passou a ser rotulado como uma banda

---

<sup>26</sup> HEAVRICK. *História: The Number of the Beast - 1982*

<sup>27</sup> Música The Number of The Beast

**Volume 22, número 1: 2017**

satânica pelos segmentos sociais cristãos mais conservadores, uma vez que a "ordem moral e religiosa" foi "afrentada pela interação de Eddie com o próprio mito [anti]cristão" (ZAGNI: 2009, p. 132 - grifo nosso).



IMAGEM5: Capa do álbum **The Number of the Beast** de 1982.

Que pese a qualidade sonora da música, as polêmicas em torno dela apenas contribuíram para intensificar a notoriedade e as vendas do álbum da qual faz parte. Assim, embora Steve Harris argumente em entrevistas que não concebia estar fazendo história quando escreveu a música, na verdade, no que tange a temática, estava seguindo uma receita de sucesso dentro do heavy metal, já praticada por outras bandas, como o Black Sabbath.

Dentro do rock, é certo que nenhum outro estilo possui mais vinculação simbólica com o diabo que o heavy metal. Para tanto, embora a busca por respostas possam conduzir a perspectivas das mais diversas, parece existir certa consensualidade de que tal apelo se tornou mais evidente a partir do álbum *Black Sabbath* de 1970, da banda de mesmo nome. Aqui, um conjunto de fatores contribuíram para tanto. O próprio nome da banda evoca um sentido negativo a idéia do sabat judaico/cristão, destinado ao descanso e a adoração a Deus. Embora o nome e a música homônimos ao álbum tenham sido inspirados em um filme de terror inglês

**Volume 22, número 1: 2017**

de 1969, para uma parcela dos fãs foi tomado como um sabat ao diabo. Além disso, a música, embora com trechos suplicantes pela ajuda Divina contra a "grande figura negra com olhos de fogo", apresenta claramente a palavra "satã" por duas vezes, salientando a temática, embora dentro de uma perspectiva cristã de um mal o qual é "melhor correr e tomar cuidado"<sup>28</sup>.

Não menos importante, a banda passou a fazer uso de um recurso sonoro, a exemplo do observado na própria música Black Sabbath, que é considerado como sendo satânico desde a Idade Média pela Igreja, ou seja, o tritão ou tritônio, que corresponde ao intervalo de três tons inteiros entre duas notas, prática que resulta um som dissonante e pouco harmônico. Como pela perspectiva platônica, que marcou os primórdios da teologia cristã no ocidente europeu durante a Idade Média, Deus só poderia ser buscado e encontrado no belo, no harmônico, o tritão era "considerado um som de evocação da besta, do diabo"<sup>29</sup>. Assim, percebe-se que o som mais notório da banda, e que veio a ser característico do heavy metal, não sendo o Iron Maiden uma exceção, também contribuiu para tal associação. Segundo a socióloga Deena Weinstein, no que tange a tal estilo, o som "não pode ser suave, tem que ser forte de algum modo", marcado pela distorção<sup>30</sup>.

Ainda sobre o Black Sabbath, embora outros elementos também pudessem ser objetos de análises sobre o assunto, tais como o uso de cruces em chamadas nos shows, bem como a própria representação do diabo em sua logomarca, de modo a não estender tanto a discussão aqui, talvez nenhuma representação simbólica seja mais evidente que a chamada "mão chifrada" ou "mão do rock". Sobre ela, apesar de outros artistas terem a praticado desde a década de 1960, a exemplo de John Lennon, atribui-se sua popularização a Ronnie James Dio, ingresso como vocalista da banda, em substituição à Ozzy Osbourne, em 1979. Embora seja considerado por muitos um gesto de evocação do diabo, executado por roqueiros de um modo geral, sobretudo pelos headbangers, a "mão chifrada" se chama "maloik" e, dentre seus vários significados simbólicos, nas culturas mediterrâneas é compreendido como um gesto de proteção contra o mal. Neste sentido, o próprio Ronnie Dio, descendente de italianos, chegou a esclarecer em

---

<sup>28</sup> Música Black Sabbath.

<sup>29</sup> Bob Ezrin. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

<sup>30</sup> Deena Weinstein. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

**Volume 22, número 1: 2017**

entrevista ao antropólogo Sam Dunn, que passou a fazer uso do gesto por influência de sua avó, que o praticava contra mal-olhado<sup>31</sup>.

Apesar das explicações apresentadas favorecerem a associação do Black Sabbath com a representação simbólica do diabo, para Gavin Baddeley, jornalista inglês, "os fãs queriam uma banda satânica e as pressões comerciais a impulsionaram a explorar essa espécie de conexão entre" seus integrantes e "as imagens e idéias satânicas"<sup>32</sup>. Esta constatação evidencia que "inexiste produção cultural independente de uma demanda social, responsável pela própria produção" (MIEGE. Apud: ALVES: 2002, p. 54). Se por um lado "as grandes corporações produzem cultura de massa em série para obter lucro", por outro, "os indivíduos não se limitam a receber passivamente as ofertas culturais" (JACOBY: 2001, p. 114). Assim, diante desta demanda, onde o diabo passou a figurar, sobremaneira, como um elemento da contracultura a partir da década de 1970, passou a existir "uma batalha no heavy metal" entre as bandas pelo diabólico, embora suas músicas estejam longe de serem resumidas a isso<sup>33</sup>.

Com exceção de uma variação do heavy metal, denominada black metal, difundido sobretudo nos países escandinavos<sup>34</sup>, não é possível conceber de modo realmente sério, que as bandas inscritas em tal estilo pratiquem, de fato, apologia satânica que intente a supressão do cristianismo. As abordagens neste sentido, podem ser tomadas muito mais como válvulas de escape, demandadas por indivíduos que partilham a cultura do heavy metal em meio as pressões cotidianas, inclusive as provenientes do conservadorismo cristão que ainda impera em muitas organizações religiosas. Para Eric Hobsbawm, "a autoridade moral e material da Igreja sobre os fieis desapareceu no buraco negro que se abriu entre suas regras de vida e moralidade e a realidade do comportamento de fins do século XX" (HOBSBAWM: 2006, p. 331). Nesta lógica de escape e não de destruição, Alice Cooper admite que, dentro do heavy metal, o "satanismo

---

<sup>31</sup> Ronnie Dio. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário

<sup>32</sup> Gavin Baddeley. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário.

<sup>33</sup> Sam Dunn. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário.

<sup>34</sup> algumas bandas do black metal, a exemplo dos noruegueses do Mayhem, abordam temáticas satânicas mais intensas, incentivando, inclusive, a violência contra cristãos e a destruição de igrejas. Caso mais particularizado, tal ocorrência tem vinculações históricas, envoltas à forma como o cristianismo foi imposto na região a partir do século XI e a consequente repressão a cultura religiosa nórdico-germânica.

**Volume 22, número 1: 2017**

é uma espécie de caricatura do satanismo", nada mais que "halloween" e, quem quiser buscar o "verdadeiro satanismo, não seria no rock'n roll"<sup>35</sup>.

Conforme procurou-se evidenciar, é possível dizer que, a partir do Black Sabbath, tornou-se corrente a idéia de que uma banda de heavy metal não poderia se afirmar enquanto tal, sem o atendimento de uma demanda, pelo menos de parte dos headbangers, acerca do apelo simbólico a figura do diabo. Neste sentido, o Iron Maiden não fugiu a regra ao produzir o álbum *The Number of The Beast*. Evidentemente, isso implicou reações dos conservadores, que variaram desde manifestações públicas de quebras do disco, censura e até mesmo inviabilização de shows, como ocorreu no Chile em 1992. Todavia, as polêmicas apenas atiçaram a curiosidade do público e ajudaram alavancar as vendas do álbum (e seus singles) para além de 16 milhões de cópias, fato que contribuiu para que ele passasse a ser considerado, pela revista *Guitar World*, o décimo sétimo mais importante da história do rock.

Buscando avaliar a receptividade do público, em meio a uma planejada estratégia de marketing antes da divulgação oficial do álbum em março de 1982, a banda lançou o single *Run to the Hills* em fevereiro do mesmo ano, de modo evidenciar o poder vocal de Bruce Dickinson junto aos fãs, bem como estampar na capa uma peleja entre o Eddie e o Diabo, em meio a um cenário infernal. Além disso, não por acaso, em tempos de Guerra Fria, o diabo foi apresentado de vermelho, em clara alusão ao comunismo. Embora a música em questão, também um dos maiores sucessos da banda, trate de um tema diverso (já abordado por este trabalho), permitiu a banda, em termos de produção visual e vocal, lançar uma prévia do que poderia conter o álbum, aguçando ainda mais as expectativas dos fãs e da crítica.

---

<sup>35</sup> Alice Cooper. **Metal: A Headbanger's Journey**. Documentário.



Volume 22, número 1: 2017



IMAGEM 6: Capa do single **Run to the Hills** de 1982.

Visto o sucesso do single e do álbum, a banda resolveu seguir com a estratégia, perceptivelmente elaborada antes da divulgação de ambos, de intensificar as vendas, enaltecer o personagem Eddie e minimizar os efeitos rotulares dos seus integrantes com o satanismo. Destarte, em abril de 1982, foi lançada sob a forma de single, a música *The Number of The Beast*, que já havia integrado e dado nome ao álbum lançado no mês anterior. Em sua capa, o resultado da peleja iniciada em fevereiro em *Run to the Hills*: um Eddie orgulhoso a apresentar em sua mão direita, a cabeça do diabo ceifada por sua machadinha. É a representação simbólica da extirpação do mal e, por que não, do comunismo, pela figura do anti-herói que, de modo tosco, liberta as figuras teratológicas outrora presas no inferno.

Volume 22, número 1: 2017



IMAGEM 7: Capa do single *The Number of the Beast* de 1982.

Conforme evidenciado, além do reconhecimento da crítica e dos fãs como bons músicos, os integrantes do Maiden também dispõem, em parceria com o empresário Rod Smallwood, de talento para o empreendedorismo e marketing. Nesta linha, além de não figurarem noticiários em polêmicas pessoais, sabem pensar "fora da caixa"<sup>36</sup>. Além do profissionalismo com que encaram as atividades da banda, bem como do oportunismo com que exploram comercialmente os produtos a ela vinculados e por eles criados, a inquietação empresarial dos seus integrantes impressiona, particularmente no que se refere a Bruce Dickinson. Além das atividades como frontman do Iron Maiden, Dickinson, historiador de formação e esgrimista profissional, também é piloto profissional de aeronaves comerciais de grande porte, tendo sido, inclusive, o comandante das últimas turnês da banda. No mais, possui empresas vinculadas ao setor aeronáutico, é o mestre cervejeiro da cerveja "The Trooper", dentre outras coisas. Como explicitado aqui, não por acaso, o Iron Maiden consolidou-se como uma das maiores bandas de

---

<sup>36</sup> FERREIRA. Vocalista do Iron Maiden Conta na Campus Party Como Abriu Empresa de Avião.

**Volume 22, número 1: 2017**

heavy metal da História, dotada de especificidades instigantes, que podem viabilizar múltiplas abordagens acadêmicas, para além do preconceito e deste insipiente artigo ora apresentado.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, Luciano Cardoso. **Flores no Deserto - A Legião Urbana em seu Próprio Tempo**. Dissertação de mestrado em História apresentada no PPGH da Universidade Federal de Uberlândia, área de concentração História e Cultura. Orientador: prof. Dr. Alcides Freire Ramos. Uberlândia: UFU, 2002.
- ANSART, Pierre. **Mal-Estar ou Fim dos Amores Políticos?**. Revista História e Perspectiva (25 e 26): julho a dezembro de 2001 e janeiro a julho de 2002. Universidade Federal de Uberlândia - UFU. pp. 55-80. Material impresso.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Anti-Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Riqueza de Poucos Beneficia Todos Nós?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- CANDIDO, Antônio et al. **A Personagem de Ficção**. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1968. Coleção Debates.
- GROSSBERG, Lawrence. **Dancing in Spite of Myself: essays on popular culture**. London: Duke Univerrssity Press, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O Breve Século XX (1914-1991). 2ed. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JACOBY, Russel. **O Fim da Utopia**. Política e Cultura na Era da Apatia. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- JANOTTI JR., Jeder. **Aumenta que isso aí é Rock and Roll**. Mídia, Gênero Musical e Identidade. Rio de Janeiro: e-papers, 2003.
- MELLER, Lauro. **Personagens e Fatos Históricos nas Canções do Iron Maiden: Uma Jornada da Pré-História a Segunda Guerra Mundial**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional História. Londrina, 2005. Artigo publicado nos Anais do Evento. Material impresso.
- NAPOLITANO, Marcos. A História Depois do Papel. In: PINSKY, Carla et al. **Fontes Históricas**. 2ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006, pp. 235-289.
- ZAGNI, Rodrigo Medina. **When Two Worlds Collide - Representações do Real e Monstruosidades Fantásticas no Conjunto Simbólico das Capas de Álbuns e Singles da Banda Iron Maiden**. Revista Domínios da Imagem. Universidade Estadual de Londrina - UEL. V.3, Nº 4, pp. 115-136. Maio de 2009. Material Impresso.

**VÍDEOS**

- METAL EVOLUTION**. Direção e Produção: Samuel ("Sam") Dunn e Scot McFadyen. Canadá: Banger Films, 2011. Série. Episódio 4: New Wave of British Heavy Metal (43 min.). Responsável geral: Sam Dunn, antropólogo. Transmissão no Brasil: Multi Show. Tradução de



**Volume 22, número 1: 2017**

Thiago Gasparly. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J7SfKahrNbw>>. Acesso em 27 de julho de 2016.

**METAL: A HEADBANGER'S JOURNEY.** Direção e Produção: Samuel ("Sam") Dunn e Scot McFadyen. Canadá: Banger Films, 2005. DVD (96 min.). Documentário. Responsável geral: Sam Dunn, antropólogo.

**SITES**

CARDIM, Thiago. **30 Anos Desde que o Rock Invadiu o Senado dos EUA.** Judão. Matéria de 22 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://judao.com.br/30-anos-desde-que-o-rock-invadiu-o-senado-dos-eua>>. Acesso em 13 de julho de 2016

COSGROVE, Ben. **Ralph Morse: Photographer Spotlight - in tribute.** Time. 8 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://time.com/3623776/ralph-morse-photographer-spotlight>>. Acesso em 27 de julho de 2016.

FERREIRA, Afonso. **Vocalista do Iron Maiden Conta na Campus Party Como Abriu Empresa de Avião.** UOL Economia - Empreendedorismo. Matéria de 28 de janeiro de 2014. Disponível em: <[conomia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/01/28/vocalista-do-iron-maiden-conta-na-campus-party-como-abriu-empresa-de-aviao.htm#fotoNav=9](http://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/01/28/vocalista-do-iron-maiden-conta-na-campus-party-como-abriu-empresa-de-aviao.htm#fotoNav=9)>. Acesso em 29 de julho de 2016.

HEAVRICK, Ricardo. **História: The Number of the Beast - 1982.** História e Caos. Iron Maiden 666. Org. Igor Soares. Matéria de 3 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.ironmaiden666.com.br/2012/09/historia-number-of-beast-1982.html>>. Acesso em 6 de junho de 2016.

MURRAY, Aghata. **Edward The Head - O Mascote.** Iron Maiden Soul. 24 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://ironmaidensoul.blogspot.com.br/2009/10/edward-head-o-mascote.html>>. Acesso em 26 de julho de 2016.

NOISE CREEP. Entrevista a Bruce Dickinson - **Eddie Pode Virar Personagem de Filme.** Iron Maiden 666. Org. Igor Soares. Matéria de 24 de julho de 2010. <Disponível em: [http://whiplash.net/materias/news\\_861/111892-ironmaiden.html](http://whiplash.net/materias/news_861/111892-ironmaiden.html)>. Acesso em 27 de julho de 2016.

PROGRAMA VIVA VIDA. **Um Dia na Vida de Steve Harris.** Entrevista concedida por Steve Harris a uma TV portuguesa em sua casa na região de Algarves, Portugal, em 1988. Sem dados do entrevistador e da emissora. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=-1nqOfdy6Cc](http://www.youtube.com/watch?v=-1nqOfdy6Cc)>. Acesso em 16 de junho de 2016.

WHITEMAN, Hilary. **O Artista e o Vampiro.** Entrevista a Derek Riggs, desenhista do Eddie. CNN Revealed. Londres - Inglaterra. Matéria de 9 de maio de 2008. Tradução de Cris McBrian. Disponível em: <<http://www.edition.cnn.com/2008/SHOWBIZ/Music/05/08/derek.riggs/index.html>>. Acesso em 6 de junho de 2016.

**IMAGENS**

IMAGEM 1: Uma das primeiras aparições do Eddie. Fonte: MURRAY, Aghata. **Edward The Head - O Mascote.** Iron Maiden Soul. 24 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://ironmaidensoul.blogspot.com.br/2009/10/edward-head-o-mascote.html>>. Acesso em 26 de julho de 2016.

**Volume 22, número 1: 2017**

IMAGEM 2: Fotografia de Ralph Morse de 1942, que serviu de referência para Derek Riggs desenhar o Eddie. Trata-se da cabeça de um soldado japonês colocada em um tanque desativado, após a batalha de Guadalcanal nas Ilhas Salomão, Oceano Pacífico, em meio a Segunda Guerra Mundial. Fonte: COSGROVE, Ben. **Ralph Morse: Photographer Spotlight - in tribute**. Time. 8 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://time.com/3623776/ralph-morse-photographer-spotlight>>. Acesso em 27 de julho de 2016.

IMAGEM 3: Capa do álbum **Iron Maiden** de 1980. Fonte: IRON MAIDEN. Produtor: Will Malone. Lançamento em 14 de abril de 1980 na Inglaterra. EMI: Londres - Inglaterra. LP. Disponível em: <<http://ironmaiden.com/discography/details/iron-maiden>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

IMAGEM 4: Capa do single **Sanctuary**. Fonte: IRON MAIDEN. Lançamento em 23 de maio de 1980 na Inglaterra. EMI: Londres - Inglaterra. LP. Disponível em: <<http://ironmaiden.com/discography/singles-and-livel>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

IMAGEM 5: Capa do álbum **The Number of the Beast**. Fonte: IRON MAIDEN. Produtor: Martin Birch. Lançamento em 22 de março de 1982 na Inglaterra. EMI: Londres - Inglaterra. LP. Disponível em: <<http://ironmaiden.com/discography/details/the-number-of-the-beast>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

IMAGEM 6: Capa do single **Run to the Hills**. Fonte: IRON MAIDEN. Lançamento em 12 de fevereiro de 1982 na Inglaterra. EMI: Londres - Inglaterra. LP. Disponível em: <<http://ironmaiden.com/discography/singles-and-livel>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

IMAGEM 7: Capa do single **The Number of the Beast**. Fonte: IRON MAIDEN. Lançamento em 26 de abril de 1982 na Inglaterra. EMI: Londres - Inglaterra. LP. Disponível em: <<http://ironmaiden.com/discography/singles-and-livel>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

## MÚSICAS

BUTLER, Geezer et al. **Black Sabbath**. Álbum Black Sabbath. LP. Lado A, faixa 1. Vertigo: Londres, 13 de fevereiro de 1970.

DI'ANNO, Paul; HARRIS, Steve. **Running Free**. Álbum Iron Maiden. LP. Lado A, faixa 3. EMI: Londres, 14 de abril de 1980.

DI'ANNO, Paul; HARRIS, Steve; MURRAY, Dave. **Sanctuary**. Single Sanctuary. LP. Lado A, faixa 1. EMI: Londres, 23 de maio de 1980.

DICKINSON, Bruce. **Empire of the Clouds**. Álbum The Book of Soul. CD. Disco 2, faixa 5. Parlophone Records: Londres, 04 de setembro de 2015.

DICKINSON, Bruce. **Powerslave**. Álbum Powerslave. LP. Lado B, faixa 7. EMI: Londres, 3 de setembro de 1984.

DICKINSON, Bruce; GERS, Janick; HARRIS, Steve. **Montségur**. Álbum Dance of Death. CD. Faixa 4. EMI: Londres, 8 de setembro de 2003.

DICKINSON, Bruce; HARRIS, Steve; SMITH, Adrian. **Brighter Than a Thousand Suns**. Álbum A Matter of Life and Death. CD. Faixa 3. EMI: Londres, 28 de agosto de 2006.

DICKINSON, Bruce; HARRIS, Steve; SMITH, Adrian. **The Longest Day**. Álbum A Matter of Life and Death. CD. Faixa 5. EMI: Londres, 28 de agosto de 2006.

DICKINSON, Bruce; HARRIS, Steve; SMITH, Adrian. **These Colours Don't Run**. Álbum A Matter of Life and Death. CD. Faixa 2. EMI: Londres, 28 de agosto de 2006.



**Volume 22, número 1: 2017**

- DICKINSON, Bruce; SMITH, Adrian. **2 Minutes to Midnight**. Álbum Powerslave. LP. Lado B, faixa 2. EMI: Londres, 3 de setembro de 1984.
- DICKINSON, Bruce; SMITH, Adrian. **Flight of Icarus**. Álbum Piece of Mind. LP. Lado A, faixa 3. EMI: Londres, 16 de março de 1983.
- GERS, Janick; HARRIS, Steve. **The Book of Soul**. Álbum The Book of Soul. CD. Disco 1, faixa 6. Parlophone Records: Londres, 04 de setembro de 2015.
- HARRIS, Steve. **Aces High**. Álbum Powerslave. LP. Lado A, faixa 1. EMI: Londres, 3 de setembro de 1984.
- HARRIS, Steve. **Afraid to Shoot Strangers**. Álbum Fear of the Dark. Faixa 3. EMI: Londres, 11 de maio de 1992.
- HARRIS, Steve. **Alexander the Great**. Álbum Somewhere in Time. LP. Lado B, faixa 8. EMI: Londres, 29 de julho de 1986.
- HARRIS, Steve. **Genghis Khan**. Álbum Killers. Lado A, faixa 5. EMI: Londres, 2 de fevereiro de 1981.
- HARRIS, Steve. **Hallowed be thy Name**. Álbum The Number of the Beast. LP. Lado B, faixa 8. EMI: Londres, 22 de março de 1982.
- HARRIS, Steve. **Invaders**. Álbum The Number of the Beast. LP. Lado A, faixa 1. EMI: Londres, 22 de março de 1982.
- HARRIS, Steve. **Quest for Fire**. Álbum Piece of Mind. LP. Lado B, faixa 7. EMI: Londres, 16 de março de 1983.
- HARRIS, Steve. **Run to the Hills**. Álbum The Number of the Beast. LP. Lado B, faixa 6. EMI: Londres, 22 de março de 1982.
- HARRIS, Steve. **The Duellists**. Álbum Powerslave. LP. Lado A, faixa 5. EMI: Londres, 3 de setembro de 1984.
- HARRIS, Steve. **The Number of the Beast**. Álbum The Number of the Beast. LP. Lado B, faixa 5. EMI: Londres, 22 de março de 1982.
- HARRIS, Steve. **The Trooper**. Álbum Piece of Mind. LP. Lado B, faixa 5. EMI: Londres, 16 de março de 1983.
- HARRIS, Steve; SMITH, Adrian. **Paschendale**. Álbum Dance of Death. CD. Faixa 8. EMI: Londres, 8 de setembro de 2003.